

2

Luta política por reconhecimento: histórico do Instituto Tamoio dos Povos Originários

O *Instituto Tamoio dos Povos Originários* é um espaço de resistência cultural e étnica fundado por índios urbanos, localizado no bairro do Maracanã, Rio de Janeiro. O antigo palacete, que abrigou o Museu do Índio até 1977, foi invadido em outubro de 2006 por um grupo de trinta e cinco índios, representantes de dezessete etnias. A liderança do movimento, formada por um grupo de Guajajaras, vinha acompanhando a situação do terreno desde 2003, quando a invasão já era planejada.

Fundado em 1953 por Darcy Ribeiro, o Museu do Índio foi transferido para o bairro de Botafogo, na Zona sul da cidade do Rio, no ano de 1977². O prédio em que o museu funcionava ficou abandonado por anos, sem receber destinação específica do poder público.

Hoje, 13 índios moram em pequenas casas de barro e tijolos no terreno antes pertencente ao antigo museu. Nos últimos dois anos, durante o período de realização da minha pesquisa, eles conseguiram construir oito casas ao redor do antigo edifício, deixando o interior do prédio fechado.

Antes do Instituto Tamoio virar uma ocupação com casas feitas de barro e ocas elaboradas segundo um *estilo indígena*, todas as atividades se concentravam no interior do edifício. Nesta época, havia apenas uma pequena cozinha com fogão e geladeira em um dos cômodos, e pequenas barracas nas demais divisões. Depois que a estrutura do teto do antigo imóvel deu sinais de que estaria apodrecendo (final de 2008) os moradores procuraram construir suas casas no terreno ao redor do antigo prédio, deixando o local apenas para guardar móveis e outros pertences.

² “Durante 24 anos [o museu do índio] funcionou precariamente na Rua Mata Machado, 127 (ao lado do Estádio do Maracanã), cidade do Rio de Janeiro, no andar superior de um velho prédio pertencente ao Ministério da Agricultura; no andar térreo, apenas a recepcionista e secção de vendas da Artíndia (loja de artesanato indígena).

No dia 1º de dezembro de 1977, o Museu do Índio foi transferido para o prédio do Projeto Rondon, à Rua Palmeiras, em Botafogo; o referido prédio é tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (...). **GREGÓRIO**, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte. 3º. Volume. União brasileira de educação e ensino. 1980. P. 82.

Em 2009 houve uma renovação. Os antigos moradores deram lugar aos novos que vieram de diversas regiões da cidade ou mesmo do país. Oito casas feitas de barro com telhas de amianto foram construídas para receber os novos moradores. Havia a esperança de que o Estado pudesse reformar o prédio, dando-lhe destinação cultural. Com grandes expectativas, os moradores e outras pessoas ligadas ao movimento indígena no Rio de Janeiro tiveram a iniciativa de construir uma grande oca na frente do terreno para a realização de festas e danças típicas. Com estrutura em madeira e teto de sapê, a oca foi a primeira construção feita no exterior do prédio, ficando pronta no início de 2009.

Cheguei ao Instituto Tamoio no início deste ano, quando a ocupação ainda se reestruturava com a mudança dos antigos moradores. Naquela época, meu interesse acadêmico recaía sobre outros temas, não ligados a questões indígenas. Conheci o Instituto em uma visita casual – uma pessoa próxima, ligada à área de antropologia, me levava até o espaço para me apresentar a pajé do Instituto, Iara do Sol.

A casa de Iara foi a segunda casa a ser construída no Instituto Tamoio. Ela funciona como a *casa de reza* do Instituto.

Iara é uma pajé *mestiça*, como ela mesma gosta de se definir. Seus pais são das etnias Fulni-ô e Cariri-Xocó e moravam no interior de Santa Catarina. Ela foi apresentada à ocupação através de Bariri Guajajara, uma das lideranças do Instituto Tamoio.

Antes de se mudar para a ocupação, Iara morava em um apartamento, no centro da cidade do Rio, onde atendia pessoas de todas as idades e estratos sociais com ervas e “trabalhos de energia”, como ela define. Bariri Guajajara a visitava constantemente, como ela conta, chamando-a para participar da ocupação. Como pajé, ela buscou tomar sua decisão com base em sua intuição.

A história é que eu estava buscando uma casa para mim, uma casa que eu pudesse atender mais pessoas. Eu tinha uma aluna de símbolos nativos que estava buscando um aluguel barato para mim. Ela achou uma casa na Tijuca, uma casa linda. Tinha quintal, tinha tudo, mas eu não conseguia alugar essa casa, de jeito nenhum! Eu tinha o fiador, tinha tudo, mas a mulher não queria alugar a casa para mim. Eu estava insistindo, mas nada de casa. Então eu fui investigar porque não saía a casa e a resposta que o oráculo me deu é que “a casa já existia”. A casa era aqui.

Embora Bariri Guajajara insistisse para que Iara fosse para o Instituto, a decisão ficou por conta de uma consulta ao oráculo, onde ela viu que deveria dar início a sua própria casa de reza. Iara é uma figura central dentro ocupação pois sua casa concentra a maior parte das atividades que atraem pessoas de fora, apoiadoras do Instituto. Eventos como fogueiras, danças e rituais de prosperidade são coordenados por ela, o que movimentava a ocupação com frequentadores vindos de diferentes zonas cidade.

A *casa de reza* foi construída no final de 2008. Toda feita em barro, madeira e bambu, a casa possui três divisões, sendo uma delas reservada às sessões de cura. Somente duas traves feitas de grossos troncos e revestidas de esteiras de palha dividem os espaços. Nos muros de barro, ao lado da porta de entrada, estão inscritos os nomes dos quatro Fulni-ôs que ajudaram a terminar sua construção, no início de 2009. Dentro da casa de taipa com chão batido, alguns móveis antigos, que já pertenciam a Iara, e outros que foram reaproveitados de despejos. Em um canto encontramos brasa acesa, ao lado de potes com ervas para defumação de ambientes. Ali, as visitas sentam-se para fumar cachimbo, com fumo cortado na hora por Iara, ou tomam um gole de café e conversam. Uma estante com dezenas de pequenos vidros de óleos, tinturas, cremes, e preparos de todo tipo para massagens, tratamento de feridas e lesões e outros usos fica logo ao lado.

Uma das divisões da casa funciona como cozinha improvisada. Há um pequeno fogão bem conservado (fruto de uma doação) e uma geladeira antiga. Iara costuma preparar cuscuz, peixe ensopado, batatas doces ou mandioca para o almoço. O cardápio não é muito variado. O fogão também é utilizado para algumas atividades de cura, embora Iara diga que isto “não é muito correto” pois o ideal é usar o fogo de uma fogueira para este tipo de preparo. Mantimentos e outros objetos de cozinha ficam em um móvel com prateleiras, onde estão também uma televisão, um aparelho de som e livros sobre curas.

O prédio ocupado que serve de sede ao Instituto Tamoio está localizado a Rua Mata Machado, número 127. Ele pertencia ao Senhor Duque de Saxe, conforme declaração de venda de 1865 arquivado no Ministério da Justiça e Negócios Interiores (ANEXO 1). Grande parte das reivindicações está baseada na validade deste documento, que deixaria o imóvel em um limbo jurídico.

Atualmente, a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento), antiga COBAL, detém a posse do terreno (doado em 27 de setembro de 1984) (ANEXO 2), mas o documento de posse atribuído ao Duque de Saxe contradiz a doação do imóvel pela União Federal à Companhia Nacional de Abastecimento. A CONAB é a empresa oficial do Governo Federal encarregada de gerir as políticas nacionais agrícolas e de abastecimento. Em 1986, por instrumento particular de contrato de cessão de uso, a COBAL, cedeu ao Ministério da Agricultura todo o imóvel, incluindo o prédio do antigo Museu do Índio e seu anexo. Ao lado do terreno hoje ocupado, mas dentro do limite do espaço reivindicado pelo movimento, o ministério construiu um prédio que funciona como representação da S.D.A – Secretaria de Defesa Agropecuária e Laboratório Nacional Agropecuário. O prédio é uma das unidades laboratoriais da rede oficial do Ministério Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) LANAGRO/MAPA/MG/RJ e é destinado ao estudo e pesquisa de sementes para cultivo. Atualmente, este edifício está sem atividades. Somente um segurança faz a vigilância do local.

A CONAB apóia as reivindicações indígenas e auxilia a ocupação em algumas necessidades, como no fornecimento de água e luz.

Juridicamente, o terreno pertenceria ao Ministério da Agricultura. Foi encaminhado ao ministério público uma representação, pedindo a destinação do antigo prédio à cultura indígena (ANEXO 3). A representação foi recebida com a seguinte contrapartida:

O Ministério Público Federal, reconhecendo a elevada importância do acesso aos bens culturais formadores da identidade Nacional, vem, mui respeitosamente, afirmar seu apoio e reconhecimento à causa indígena, colocando-se à disposição da entidade na luta pela conquista do espaço necessário capaz de mostrar a autêntica visão do indigenato brasileiro. (Citação, ANEXO)

O prédio pertencente ao Ministério da Agricultura foi eleito pelo Serviço de Proteção ao Índio (criado em 1910 pelo decreto nº. 8.072) como sede do Museu do Índio. A estrutura é remanescente das antigas instalações do Derby Club³. O antigo SPI, órgão fundado por Marechal Rondon substituído pela

³ “Quem esteve à frente da criação do museu foi o antropólogo Darcy Ribeiro, que dirigia a Seção de Estudos (se) do órgão indigenista [o Serviço de Proteção aos Índios]. Após pressão e reivindicações às autoridades, conseguiu-se a sua instalação no palacete da Rua Mata Machado (em frente ao estádio Maracanã), originalmente construído para ser sede do Derby Club,

Fundação Nacional do Índio em 1967, já possuía uma seção de arquivos etnológicos (criada 1942), que foi ampliada com o projeto do museu.⁴ Em 1953, o prédio abrigou o primeiro museu indígena brasileiro, fundado por Darcy Ribeiro, cujo projeto era “criar um museu voltado mais para a compreensão humana que para a erudição”⁵. O projeto de Darcy dava início à valorização da cultura material indígena através de pesquisa e catalogação das etnias brasileiras sendo “o primeiro museu devotado não a mostrar bizarrices etnográficas, mas as altas contribuições culturais dos indígenas à nossa cultura, sobretudo a luta contra o preconceito que apresenta os índios como atrasados, preguiçosos, desconfiados.”⁶

Hoje, este mesmo prédio funciona de moradia para dezenas de índios das etnias Guajajara, Fulni-ô, Pataxó, Guarani, Xavante, Kamaiurá, Tucano, Krenak, Apurinã, Potiguara, Kaingang, Krikati, Kariri-xocó, empenhados em construir “a primeira faculdade indígena no Brasil”.

Tem um professor, ali daquela universidade [refere-se à Universidade Estadual do Rio de Janeiro, cujo campus é próximo à ocupação] que diz que os índios Puris são índios arquivados. Mas tem índio Puri ainda! Eu fui em minas, e conheci os índios Puris.

Ignorando a falta de legitimidade de sua própria existência como índios – já que não são índios devidamente *arquivados* –, os moradores do Instituto Tamoio levam uma vida perturbada pelas tentativas de despejo empreendidas pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Área vital para o turismo da cidade, o bairro do Maracanã está prestes a se tornar sede de diversos jogos durante a copa de 2014 e as olimpíadas de 2016. O plano de tornar o terreno do antigo museu em um grande estacionamento para torcedores do estádio só terminou frustrado em

agremiação hípica de luxo do final do século XIX, abandonada desde os anos 1940.” MOREL, Cristina Massadar; MOREL, Marco. *Almanaque Histórico Rondon: a construção do Brasil e a causa indígena*. Brasília: ABravideo. 2009.

⁴ Esta seção de arquivos era o próprio embrião do museu: “[o museu] foi criado em 1942 e somente inaugurado aos 19 de abril de 1953, quando o Sr. José Maria da Gama Malcher era diretor do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), hoje FUNAI, órgão do Ministério do Interior, pela lei 5.371 de 5 de dezembro de 1967; tornou-se um setor da Seção de Documentação e Divulgação do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, do Ministério da Agricultura que na ocasião cedeu o prédio de onde saiu” GREGÓRIO, Irmão José. *Contribuição indígena ao Brasil*. Belo Horizonte. 3º. Volume. União brasileira de educação e ensino. 1980. P. 82.

⁵ *The Museum of the Indian*. In: Museum, vol. VIII, nº 1, Unesco, Paris, 1955, pp. 5-10; In: Americas, vol. VII, nº 9, União Pan-Americana, Washington, 1955 (com o título “Un Museo Contra el Preconcepto”). Fragmentos disponíveis no site da Fundação Darcy Ribeiro: http://www.fundar.org.br/darcy_antropologia_musindio_1.htm. Acesso em: 07 de maio de 2011.

⁶ RIBEIRO, Darcy. *Aos trancos e barrancos* - Como o Brasil deu no que deu. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1985. P. 112.

razão das regras de estacionamento para a área de jogos.⁷ Ainda assim, o interesse governamental exerce pressão diária – quando não tentam despejá-los com uso da força⁸, ignoram os cartazes que declaram “Área de cultura indígena”, estacionando enormes caçambas em frente aos muros, por vezes derrubando-os.

Alguns visitantes chegam ao local curiosos, ainda com a lembrança do prédio como Museu do Índio. Um enorme cartaz escrito “Instituto Tamoio dos Povos Originários” foi exposto na fachada do prédio, atraindo pessoas que passam pela calçada do estádio Mário Filho (Maracanã). A ocupação fica localizada em frente ao portão dezoito do estádio, uma área freqüentada por transeuntes e torcedores, nos dias de jogos. Uma visitante, que quis fotografar inúmeras vezes a entrada do palacete, disse que ainda lembrava de quando havia visitado o museu pela primeira vez, com a turma de quarta série do ensino primário.

Grande parte das reivindicações do movimento está baseada na necessidade de valorização do patrimônio das etnias indígenas, o qual não recebe, como explica Bariri Guajajara, tratamento equivalente aos bens atribuídos à cultura Ocidental. À respeito da defesa de um sambaqui, localizado em Itaipu, no município de Niterói⁹, Bariri Guajajara declara.

Se aquilo lá fosse uma Igreja, o povo ia escavar, escavar, tirar tudo lá de baixo da terra, isolar a área, fazer o que fosse, só pra preservar. ‘Nossa, como é importante essa construção do século tal’. Uma igreja é uma coisa sagrada. Quero ver alguém construir alguma coisa em cima de uma Igreja! Mas e os nossos sambaquis? Não são sagrados? Nas coisas do índio, todo mundo mexe. Isso é uma forma de extermínio, também. Quero ver mexer numa igreja.

⁷ O documento publicado pela FIFA tem o título de *Football stadiums technical recommendations and requirements* e define as regras que devem ser seguidas pelos países que sediarão os jogos da copa. Os estacionamentos para os estádios da copa devem seguir normas especiais. Fédération Internationale de Football Association (FIFA). Disponível em: <http://www.fifa.com/aboutfifa/developing/stadiumbook2011/index.html>. Acesso em: 07 de maio de 2011.

⁸ Trecho de notícia publicada em 21 de outubro de 2006, *O Globo Agência Brasil* “Na sexta-feira, as lideranças indígenas participaram do 1º Encontro Movimento dos Tamoios: Pelo Resgate dos Direitos dos Povos Originários do Brasil, realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde foi votada a proposta de ocupação do antigo museu. (...) Depois do encontro os índios foram para o local e enfrentaram resistência dos vigias que tomavam conta do terreno, mas não houve violência. – Fizemos um toré (manifestação com dança) para mostrar que éramos índios e conseguimos ficar – informou o professor.”

⁹ Há na praia de Cambinhas (Niterói, Rio de Janeiro) uma suposta área de sambaquis ocupada por índios Guarani. Em razão da intensa disputa imobiliária que há na região, e da falta de estudos relativos a existência dos sambaquis, a área indígena ainda não foi demarcada. A aldeia foi vítima de incêndio criminoso em 2008.

O antigo palacete, segundo o projeto apresentado pelos moradores, deverá abrigar uma escola com cursos de línguas nativas das mais de 240 etnias do Brasil, objetivando promover sua autonomia lingüística e cultural. Bariri acredita que grande parte do movimento de desarticulação das culturas indígenas se deve à escolarização não diferenciada das crianças indígenas. Construir uma universidade indígena *para* indígenas não é uma meta fácil, mas quando trinta e cinco “caboclos” se reuniram, na noite de 20 de outubro de 2006, eles já estavam cientes das dificuldades que iriam enfrentar.

2.1

A ocupação¹⁰

Enquanto o antigo museu fundado por Darcy Ribeiro não se transforma na tão sonhada *universidade indígena*, a ocupação floresce em seu entorno. As oito casas que servem de moradia foram sendo erguidas aos poucos, conforme as famílias deslocavam-se para o espaço. O pouco planejamento resultou em uma disposição espacial peculiar, que define o ritmo de vida dos moradores do Instituto.

As moradias Guajajara, Pataxó e Apurinã estão na parte anterior da ocupação. Quando os grupos não estão no Rio de Janeiro, as casas são cedidas para abrigar temporariamente outras pessoas que estejam precisando de um lugar para ficar. A frente do terreno, onde estão as casas, é também a área onde fica uma grande oca para eventos e reuniões. O lugar é bastante arborizado, e os moradores instalaram alguns bancos sob as árvores. Infelizmente, esta área de apresentações teve de ser desativada depois de um incêndio criminoso.¹¹ Agora, os eventos têm espaço em frente ao antigo prédio, em uma área similar a um pátio. Uma pequena

¹⁰ Um pequeno mapa mostrando a disposição das casas encontra-se em anexo (ANEXO 4).

¹¹ Notícia publicada pelo site R7, da rede de televisão Record: “Antigo Museu do Índio pega fogo no Rio”:

Cerca de 20 indígenas e descendentes dormiam no local, mas ninguém se feriu. Bombeiros do quartel do Maracanã, na zona norte do Rio de Janeiro, combateram um incêndio no antigo Museu do Índio, em frente ao estádio, por volta das 2h30 deste sábado (19). Cerca de 20 indígenas e descendentes, representantes das etnias Guajajara, Xavante, Pataxó, Fulniô e Puri, dormiam no local no momento em que o fogo começou. Ninguém ficou ferido. Segundo eles, alguém ateou fogo na oca grande erguida no terreno, pois as chamas começaram pela parte de cima.”. Dia 19 de dezembro de 2009.

barraca feita em bambu está colocada à frente das escadarias, e é a primeira coisa a ser vista quando se entra na ocupação.

Ao chegarem, os visitantes têm a impressão de que o antigo museu, apesar das rachaduras e pichações, continua incrivelmente belo. A antiga construção, ainda hoje, exerce um real fascínio e seus detalhes arquitetônicos estão bem preservados. Portas, janelas e colunas conservam sua forma original, apesar da destruição das paredes. Nos fundos, uma imensa torre feita de pedras aparentes embeleza ainda mais a construção. O prédio não é tombado, mas a defensoria pública da união requereu, recentemente, seu tombamento¹².

A casa de reza de Iara, a casa do grupo Pankararu e a cozinha ficam nos fundos do terreno. A única comunicação entre os dois espaços é uma estreita passagem pelo lado direito do terreno, o que confere independência entre as duas áreas.

Iara diz que escolheu os fundos de maneira estratégica, “para que pudesse observar as obras do prédio” quando elas começassem. Os moradores consideram a área dos fundos como o “espaço da Iara”, enquanto a parte da frente é de uso deles.

Esta divisão reflete-se nas questões cotidianas de maneira conflituosa. Reuniões políticas, por vezes, ficam restritas aos moradores da frente, enquanto quem está nos fundos não fica a par de sua ocorrência.

A cozinha coletiva, que fica nos fundos, é ainda pouco usada pois suas instalações são precárias. Os moradores têm fogões e geladeiras individuais, dentro de suas casas. A maioria das moradias conta com colchão, televisão, redes e aparelho de som. Ninguém possuiu computadores, e o acesso à Internet é feito em *lan houses*.

Roupas e utensílios de cozinha são higienizados em uma torneira próxima à passagem entre as duas áreas do terreno. Há também dois banheiros, com chuveiro e sanitários. As roupas são lavadas em bacias e *batidas* em um tampo improvisado.

As rotinas são divididas entre os afazeres pessoais e os trabalhos de manutenção na ocupação. As casas são construídas coletivamente, e o material é comprado com a ajuda de doações. Pequenas reformas nos muros e no prédio, por

¹² Em nota, a defensoria pública da união esclarece que o imóvel *já* pode estar tombado, já que o pedido de tombamento do imóvel foi feito em 1997.

vezes necessárias por razões de segurança, são realizadas pelos próprios moradores. A manutenção do Instituto, como a limpeza do pátio e banheiros, também é feita coletivamente.